



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

PEDRO JORGE RODRIGUES DE ALCÂNTARA

**QUERO SER UMA DIVA! ESPAÇOS DE SOCIBILIDADE E PERFORMATIVIDADE
DE GÊNERO DE DRAG QUEENS NAS DÉCADAS DE 90/00 EM SANTARÉM, PARÁ**

SANTARÉM

2021

PEDRO JORGE RODRIGUES DE ALCÂNTARA

**QUERO SER UMA DIVA! ESPAÇOS DE SOCIBILIDADE E PERFORMATIVIDADE
DE GÊNERO DE DRAG QUEENS NAS DÉCADAS DE 90/00 EM SANTARÉM, PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação,
apresentado ao Programa de Antropologia e
Arqueologia para obtenção do grau de Bacharel em
Antropologia; Universidade Federal do Oeste do Pará,
Instituto de Ciências da Sociedade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carla Ramos Muzanzu.

SANTARÉM

2021

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/ UFOPA**

-
- A347q Alcântara, Pedro Jorge Rodrigues de
Quero ser uma diva! Espaços de Socibilidade e performatividade de gênero de Drag Queens nas décadas de 90/00 em Santarém, Pará. / Pedro Jorge Rodrigues de Alcântara. – Santarém, 2021.
56 p.: il.
Inclui bibliografias.
- Orientadora: Carla Ramos Muzanzu.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia e Arqueologia, Curso Bacharelado em Antropologia.
1. Performance. 2. Festas LGBTQI+. 3. Santarém. 4. Amazônia. I. Muzanzu, Carla Ramos, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 306.77809115



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

PEDRO JORGE RODRIGUES DE ALCÂNTARA

“Quero ser uma Diva! Espaços de sociabilidade e performatividade de gênero de drag queens nas décadas de 90/00 em Santarém, Pará”,

Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Antropologia com objetivo de obter aprovação na disciplina TCC-3, e obtenção de grau de Bacharelado em Antropologia na Universidade Federal do Oeste do Pará.

Nota: 10

Data de Aprovação 04/ 05/2020

PRESIDENTE: Prof^a. Dra. Carla Ramos Munzanzu
Universidade Federal do Oeste do Pará

AVALIADOR(A): Prof^a Dra. Lucybeth Camargo de Arruda
Universidade Federal do Oeste do Pará

AVALIADOR(A): Prof^a. Dra. Beatriz Martins Moura
Universidade Federal do Oeste do Pará

AGRADECIMENTOS

Quero começar agradecendo a minha família. Sem eles esse percurso na universidade não seria possível. Muito obrigado minha Mãe Ocirema e meu Irmão Felipe, as minhas conquistas são inteiramente dedicadas a vocês. Às minhas tias, Natália, Elizabeth e Fiorela. Minhas segundas mães.

Não posso esquecer da minha orientadora e guia, Carla Ramos. Seus ensinamentos ficaram pra sempre no meu repertório teórico. Muito obrigado!

Um agradecimento especial a Fábio Pena. Se não fosse o seu incentivo a entrar no ensino superior, meu amigo, sabe lá onde estaria agora. E a Mazille Rodrigues, meu amigo e companheiro das noites e trabalhos. Sem o senhor esse trabalho não estaria finalizado. Muito obrigado pelas discussões excelentes sobre teoria antropológica.

A todos os meus amigos e amigas, Edu Costa, Larissa Lalo, Daniele Barroso, Ingrid Brasil, Ingo Ian, Andrei Morais, Paulo Borari, Eduardo Fersil, Serimat, Igor Erick, Andressa Sousa, Pedro Barcelos, e tantos outros que são responsáveis pelo caminho que eu estou mirando hoje. Tiraram a venda dos meus olhos. Gratidão.

Um muito obrigado pelos anos estudando antropologia no PAA, em especial para Raiana Ferrugem, mulher maravilhosa, professora sem igual que me ajudou em tantos momentos difíceis. Esse trabalho também tem esforço seu; ao professor Paride Boletín, pelos ensinamentos do começo da graduação. A professora Luciana França por me ajudar a encontrar minha vocação dentro da antropologia. E aos demais docentes. Gratidões eternas.

Meu agradecimento especial a Carlinhos produções e Luan andrade e Gabriel sanches. Sem vocês essa pesquisa não seria possível. A Ellen veras e Luiz Miguel pela oportunidade de fotografar seus eventos.

E por fim, a Aretussa Lima, minha companheira. Esse diploma é nosso mana.

RESUMO

O presente trabalho apresenta por meio de minha trajetória no campo e conversas com interlocutores, o circuito de festas LGBTQI+ em Santarém. O foco do trabalho são performances Drag Queens de distintas épocas: vamos imergir na trajetória de Luana Bratcho e Gabriela Sabatine, onde podemos perceber um pouco mais sobre performatividade de Gênero no presente. E com Caluxa Tsunami, veremos um pouco de como foram as primeiras festas LGBTQI+ na década de 90.

PALAVRA-CHAVE: Performance. Festas LGBTQI+. Santarém. Amazônia.

ABSTRACT

This work presents, through my trajectory in the field and conversations with interlocutors, the LGBTQI + party circuit in Santarém. The focus of the work is Drag Queens performances from different eras: we will immerse ourselves in the trajectory of Luana Bratcho and Gabriela Sabatine, where we can understand a little more about the performativity of Gender in the present. And with Caluxa Tsunami, we will see a little of how the first LGBTQI + parties were in the 90s.

KEYWORD: Performance. LGBTQI + Parties. Santarém. Amazonia.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

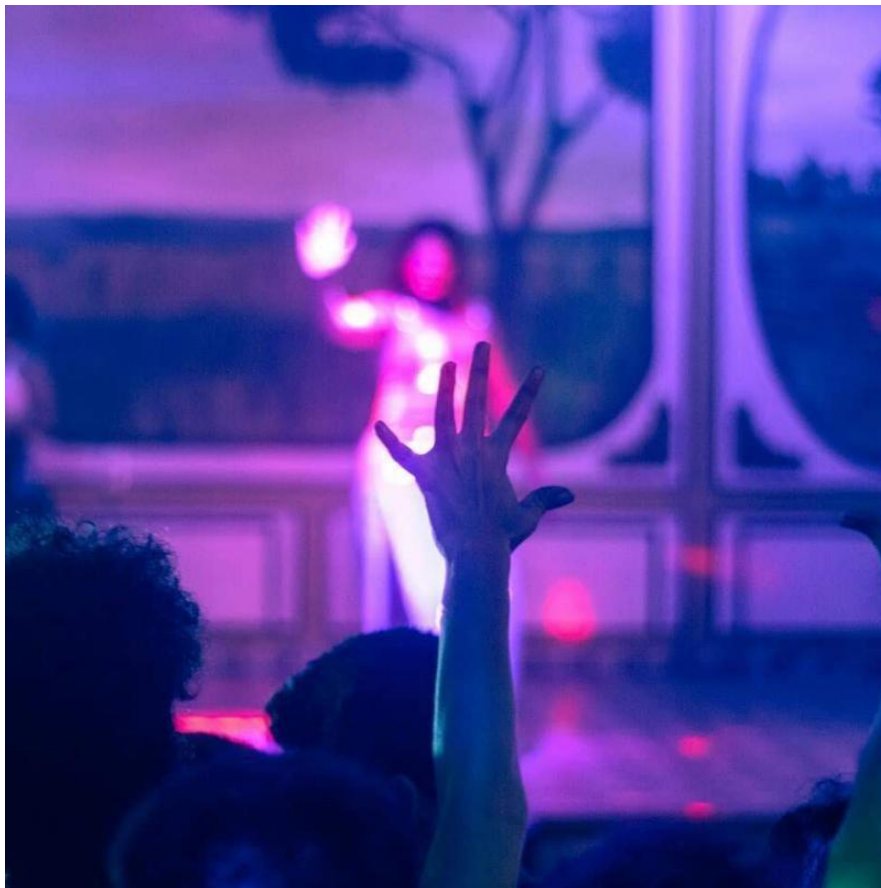
Figura 1 festa da Obscena no veterano. 2017	9
Figura 2 Cartaz da festa. figurante: Hian Okada. 2016.....	15
Figura 3 Festa closenakatu. 2016	16
Figura 4 Luana Bratcho. Festa no botequim, 2017.....	17
Figura 5 Joelma Show, Performer. Pagode da Pulga 2017	17
Figura 6 Ano novo em Alter do Chão	17
Figura 7 Conflito no Point do Flashback. 2016.....	18
Figura 8 Azé Maria e Gabriel Sanches. Carnaval em Alter do Chão, 2017	18
Figura 9 Festa da maldade, UFOPA, 2017.....	19
Figura 10 apresentação do grupo Buterflays no celeiro	20
Figura 11 Luana Bratcho no celeiro em apresentação junto com o grupo as Buterflays.....	21
Figura 12 Ellen Veras e Luiz Miguel. entrevista para esta pesquisa, 2018	22
Figura 13 Maria Flor no palco do caixara, 2018.....	23
Figura 14 Performance de Caetana no fluminense, festa da Obscena. 2019.....	24
Figura 15 Will no coqueiros, festa da produtora Rainbow. 2019.....	25
Figura 16 flyer de divulgação festa da diversidade, coletivo Juntos. 2016.....	27
Figura 17 festa da diversidade. foto: Israel Campos. 2016.....	27
Figura 18 Flyer de divulgação. fonte: facebook. 2016.....	29
Figura 19 malabares viajeros. festa fera ferida, produtora Obscena. 2019	30
Figura 20 Malabares viajeros, festa fera ferida, produtora Obscena. 2019	31
Figura 21 fachada do fluminense, festa fera ferida, produtora Obscena. 2019	31
Figura 22 Performer e Dj Samu conceito. festa fera ferida, Produtora Obscena. 2019.....	33
Figura 23 Danny Bond, festa da Produtora insana no botequim. 2019	34
Figura 24 Danny Bond, festa da Produtora insana no botequim. 2019	34
Figura 25 Plano geral, festa da Produtora insana no botequim. 2019	35
Figura 26 Plano médio, festa da Produtora insana no botequim. 2019	35
Figura 27 Dj e Performer Samu Conceito. 2019	37
Figura 28 Carluxa Tsunami. Arquivo pessoal de Carlinhos.....	38
Figura 29 Carluxa Tsunami. Arquivo pessoal de Carlinhos.....	39
Figura 30 Carluxa Tsunami. Arquivo pessoal de Carlinhos.....	41
Figura 31 Carluxa Tsunami. Arquivo pessoal de Carlinhos.....	43
Figura 32 Carluxa Tsunami. Arquivo pessoal de Carlinhos.....	44
Figura 33 Carluxa Tsunami. Arquivo pessoal de Carlinhos.....	45
Figura 34 no centro, Luana Bratcho. a direita, Gabriela Sabatine. festa no botequim, 2016	46
Figura 35 Luan Andrade, apresentação do grupo de dança Bofes e babados em Santarém. Arquivo pessoal de Luan. 2010	48
Figura 36 Gabriel Sanches, arquivo pessoal.....	48
Figura 37 Luan Andrade e Gabriel Sanches. apresentação do grupo as Virgens do Beco em Santarém. Arquivo pessoal do Luan, 2016.....	49
Figura 38 jovens na concentração do 45° festival folclórico de Santarém. 2019	51
Figura 39 Yasmim Krothy, Mulher trans. na ocasião estava representando a noiva na performance do grupo As virgens do beco. 2019.....	51
Figura 40 jovens na concentração do 45° festival folclórico de Santarém. 2019	51
Figura 41 Apresentação do grupo As virgens do beco no 45° festival folclórico de Santarém. 2019 ..	51
Figura 42 Apresentação do grupo As virgens do beco no 45° festival folclórico de Santarém ..	53

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
2	CIRCUITOS DE FESTAS E OUTRAS PECULIARIDADES EM SANTARÉM NO PRESENTE.....	14
3	VIVÊNCIAS (QUASE) CLANDESTINAS: TRAJETÓRIA E PERFORMANCE DE CARLUXA TSUNAMI, LUANA BRATCHO E GABRIELE SABATINE.....	36
3.2	CARLUXA TSUNAMI.....	37
3.3	LUANA BRATCHO E GABRIELA SABATINE.....	44
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
5	REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

Figura 1 - Festa da Obscena no Veterano



Fonte: arquivo pessoal (2017).

A primeira vez que observei uma performance de drag queen em Santarém foi no carnaval, em meados de 2009. Carluxa Tsunami era abre alas de um grupo tradicional da cidade, o bloco da pulga, onde embalada por uma vigorosa bateria, hipnotizava-me com seu leque gigante, sua maquiagem extravagante e gestos que soavam engraçados e intrigantes. Curiosidade que se foi com o bloco e voltou, um tempo mais tarde, nas noites de atendimento em festas e um bar, onde prestava serviços como barman e garçom respectivamente. Eram tempos de muita agitação. Trabalhava a noite toda servindo bebidas, petiscos e lanches. Via muita coisa acontecer, pois o bar era ponto conhecido por ficar aberto até o raiar do dia, sendo frequentado, principalmente, por pessoas que já saíam de outras festas. Minha curiosidade era estimulada por seus frequentadores, seja homens, mulheres ou mesmo pessoas que nem se enquadravam nesse perfil, como as travestis e transexuais.

Não tinham dificuldade em chamar a atenção de todos quando chegavam no bar. O fato é que essa indagação, especialmente, sobre a noite santarena e as pessoas que lá

transitavam, permaneceu. Alguns anos se passaram, entrei no curso de antropologia em 2014. Na atividade final da disciplina chamada introdução a etnografia¹, fomos instigados a adentrarmos o campo e produzir relatos de observações sistemáticas. A princípio, busquei algo que estivesse bem distante de meu universo de significação. Escolhi observar um fenômeno que considerava bastante intrigante para mim naquele momento, a prática de prostituição de travestis e transexuais em um ponto da cidade. A formação do meu olhar, como neófito ao ofício de antropólogo, estava levando em conta a célebre passagem do texto de Roberto da Matta, “O ofício do antropólogo, ou como ter *Anthropological Blues*.”, em que pretendia transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico. Não dei continuidade nestas observações com o final do trabalho.

Paralelamente, estava aprendendo a fotografar. Registrava no meu tempo livre, à noite, e acabei por acaso privilegiando por algum tempo as festas que eu frequentava. Um fatome chamou mais atenção: a ocorrência de pessoas que se transvestiam nos diversos espaços de festa em Santarém. Travestis, *Drag Queens*, gays, transexuais, sapatonas, homens, mulheres, enfim, um universo de significação se descortinava quando enquadrava a imagem por minha lente. Algo me afetou² e pôs-me a refletir, eu não sabia exatamente o que era. Entretanto, fiquei interessado a continuar a fotografar um fenômeno que muita gente olhava com reprovação ou desprezo.

Fiquei sabendo, por exemplo, que alguns familiares especularam sobre minha própria masculinidade, só por conta do foco que eu estava dando para assunto em alguma rede social na internet. a partir disso, comecei a indagar sobre a normatividade que envolvia nossas performances enquanto corpos generificados e sexualizados. Há uma norma social que diz que um homem não pode se vestir de mulher. E vice e versa.

Mas afinal, existem quantos tipos de homens e mulheres? O que eu observara na noite era completamente diferente do que essa norma tentava impor. Quantos tipos de masculinidade existem, por exemplo? Existem os homens que performatizam um tipo de homem, deixam a barba crescer e procuram se comportar de um modo que transpareça o macho viril e forte que ele acha que tem dentro de si. E tem outros, como eu, que não tem problema nenhum em usar roupas com estampas mais floridas. E ainda há aqueles que tencionam ainda mais esta regra, que se transformam quase que completamente. As *Drag Queens*. Ainda tem que deixar claro, *Drag Queen* não se trata de gênero. Trata-se de uma performance, um alter ego, uma persona

¹ Ministrada pela Prof.^a Doutora Carla Ramos Munzanzu

² Siqueira, P. (2005). “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. Cadernos De Campo (São Paulo - 1991), 13(13), 155-16

que o indivíduo (aí dentro, pode se encontrar, homens gays ou não, mulheres, transgêneros e por aí vai) encarna para um fim, seja pra entreter por meio de dança ou dublagem (no caso, mais conhecido como *lympsync*), uma cena teatral cômica ou trágica ou mesmo tudo isso junto. O fato é que há uma construção dinamizada de relações entre o performer *drag queen* e o público, seja um consumidor consciente da performance como produto apresentado em festas lgbtqi+ ou não, como um espectador de uma performance de protesto.

O objetivo desta pesquisa não é uma traçar genealogia de performance *Drag Queen* aqui na Amazônia e sim, apresentar ao leitor um cenário de como estas performances foram se tornando populares na cidade de Santarém a partir da trajetória de algumas *Drag Queens* que atuaram/atua nas décadas de 90 e presente. Procurei aproveitar minha produção de fotografias de alguns espaços de sociabilidade que frequentei e das imagens que os interlocutores cederam para pensar sobre a trajetória de Carlinhos, Gabriel e Luan, como se davam suas relações, de onde tiravam as suas referências e o modo como operam o ser *Drag Queen* aqui em Santarém.

Que tipo de imagens são produzidas na escrita etnográfica quando se insere a Amazônia como contexto? Qual o peso da minha produção imagética nesta escrita? No meu caso, ainda que se tratando das várias especificidades e marcadores de diferença engendrados por sujeitos que performam gênero e sexualidades que eu não faço parte, ou melhor, de que essas realidades que eu proponho dar foco não é meu lugar de fala, julgo importante antes de colocar a descrição do campo em foco, descrever quais filtros metodológicos e teóricos eu usonesta primeira parte.

Telma Bemerguy, em seu artigo publicado recentemente pela revista eletrônica PontoUrbe (2019), versa sobre os estranhamentos possíveis e que tipo de “imagem” da Amazônia se insere no debate da antropologia urbana. Reflexões sobre que tipo de antropologia urbana é possível no contexto santareno e amazônico, e por fim, sobre os impactos que o programa de interiorização do ensino superior na Amazônia causaram na produção antropológica revelam urgência de pesquisas de uma antropologia que esteja compromissada em desfazer com uma visão estereotipada da Amazônia.

Muito comum na busca exagerada do exótico, pelos programas do eixo sulsudeste de pesquisa, Telma aponta a tríade viagem/distanciamento/Alteridade, como um aspecto que produz imagens distorcidas da realidade Amazônia. A supressão deste ponto requer outras categorias analíticas que ajudem a descrever a realidade, mas além disto, ajudem a

descolonização do pensamento antropológico, especialmente quando se trata de produções realizadas por pesquisadores que são e moram na Amazônia.

Aqui temos uma situação diferenciada de outras produções antropológicas nos centros de pesquisas tradicionais, sejam eles brasileiros ou mesmo estrangeiros. Não entrarei em detalhes, mas, basta pensar sobre a virada ontológica e críticas sobre autor e autoridade etnográfica³ que a Antropologia vem lidando e com o crescente número de pesquisadores amazônidas, como pontuou Telma. A questão aqui neste trabalho é como eu articulo essas referências com os dados que eu obtive no campo junto aos interlocutores.

As fotografias que aqui apresento fazem parte do acervo que produzi durante a entrada no circuito de festas LGBTQI+ em Santarém. É importante frisar que a negociação (como mostrarei a diante) e obtenção de contatos, praticamente tudo, foi mediado pela prática fotográfica. Todxs foram avisados do teor da pesquisa e os usos das fotografias.

A performance na antropologia pode abordar múltiplos caminhos. Na antropologia Britânica, temos figuras como Victor Tuner e o conceito de Liminaridade, estudos de interacionismo simbólico; com Ervin Goffman e sobre o diálogo entre teatro e antropologia com Richard Scherschner, na antropologia culturalista americana. No campo dos estudos feministas, há outra infinidade de perspectivas, mas as principais, como Rafael De Tilio afirma em seu artigo para revista *Gênero* (2014, p.125-148) são “biológicas, antropológicas, psicanalíticas, modernas e pós-modernas sobre gênero”. Aqui neste trabalho, vamos adotar uma visão mais pós-moderna na antropologia, adotando a visão de Butler ditas em *Problemas de gênero*. toda via, é evidente, priorizando nesse primeiro momento as descrições e conversas que eu tive, levando em conta a discussão que Carla Akotirene faz sobre Intersceccionalidade.⁴

A tese de mestrado da Izabela Jatene de Souza (1997) foi o primeiro trabalho a tocar nas vivências de *Drag Queens* no Pará. Ela produz um estudo de caso sob o tema da sociabilidade urbana em Belém, onde elenca as performances *Drag Queens* no status de “tribo Urbana”. entretanto, a pesquisadora não faz uma discussão de gênero, classe ou raça para dentro da análise, homogeneizando essas experiências. Gontijo & Erick (2015) apontam o silenciamento e/ou falta de pesquisas sobre experiências sexuais e de gênero em contextos rurais e interioranos, inclusive em contexto de situações etnicamente diferenciadas, indígenas, quilombolas e caboclos na Amazônia; apesar da consolidação de estudos sobre ruralidade como também sobre gênero e sexualidade no Brasil.

³ Ver Clifford, Geertz, Peirano, Magnani;

⁴ Akotirene, Carla. *Interseccionalidade* / Carla Akotirene. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.

Desde que o campo de estudo foi inaugurado com Ruth Landes na Bahia, em 1930, com o artigo intitulado “Matriarcado cultural e Homossexualidade Masculina”, os autores mostram que Peter Fry, quase 30 anos depois, realizara uma pesquisa parecida, só que dessa vez em Belém do Pará, versando sobre a relação entre homossexualidade e religiosidade, propondo um esboço de um modelo hierárquico da sexualidade masculina. Suas contribuições e de outros citados, auxiliaram a consolidar o campo de estudo, porém, quase sempre “(homo)sexualidade masculina, branca (ou negra urbana) e das regiões sudeste e sul...” (p.27). Ainda neste trabalho, os pesquisadores apontam as pesquisas que refletem sobre as particularidades locais e regionais, que tanto versam sobre a temática da sexualidade no mundo rural, bem como, mais especificamente no contexto amazônico, onde algumas categorias abordadas não tem o “mesmo vigor” quando se deparam com categorias como “caboclo”, “ribeirinho” e “homem amazônico” (p. 31).

Desta forma Gontijo & Erick propõem a noção de “interioridade”, cujo significado resulta em “um espaço-tempo que transita entre ruralidade e urbanidade, confundido pela dinâmica da etnicidade, em contexto amazônico, nas figuras do caboclo e do ribeirinho, além do indígena e do quilombola” (p. 31). Essa noção apresentada pelos autores dialoga com parte deste projeto, onde se situa dois tempos-espacos diferentes (90/00 - 2016/presente), que informam ou pelo menos desenha-se a configuração aproximada das permissividades correntes da época e como a heteronormatividade é/era exercida em um contexto interiorano amazônico.

O Programa de Antropologia e Arqueologia da Ufopa, já tem mostrado resultados referentes a pesquisas sobre esta temática. O primeiro é do antropólogo Diego Alano com o trabalho intitulado “Quando o banheiro é o armário”, um estudo antropológico com abordagem etnográfica sobre as práticas de sociabilidade homoerótica em Santarém-PA”, defendido em 2014. A pesquisa aborda as práticas de pegação homoerótica em banheiros de duas festas em Santarém, seus códigos, como o “gaydar” e os sentidos sociais que o banheiro adquire nestes espaços.

Posteriormente em 2018, o antropólogo Igor Erick defendeu seu TCC com o título “As Experiências da diversidade sexual e de gênero no contexto interiorano amazônico: As Formas de sociabilidade homossexuais em Santarém e Região (Pará)”, neste trabalho se descreve os diversos espaços de sociabilidade homossexual no interior bem como na cidade, paralelamente fazendo uma análise de como estes espaços criados promovem um “trânsitos de permissividades”.

Rafael Noleto articulou noções de ritual, drama social, festa e performance com debates sobre gênero e sexualidade na sua tese de doutorado defendida em 2016, ao analisar a participação de figuras que desestabilizam o plano estético do concurso de quadrilhas de Belém. Homossexuais, travestis, transexuais e transgêneros que compõem o corpo dos grupos de dança, desafiam as concepções tradicionais da conjugalidade heterossexual a performarem em papéis binários de gênero. Curiosamente, eu já frequentava a maior parte dos espaços de sociabilidade descritos pelos pesquisadores supracitados, e a maior parte das observações que apontam eu pude confirmar. A experiência de Rafael Noleto em seu campo em Belém, aponta para a parte da discussão que pretendo desenvolver neste trabalho.

Portanto, no primeiro capítulo pretendo descrever o circuito de festas LGBTQI+ que se desenvolve em Santarém no tempo presente desta pesquisa. O papel das Produtoras, seus agentes, na popularização das Festas de cunho LGBTQI+ com performances *Drag Queens*. No segundo capítulo, convido Caluxa Tsunami, Luana Bratcho e Gabriela Sabatine para contar um pouco de suas trajetórias, vivências nos espaços de sociabilidade aqui no presente e na década de 90.

2 CIRCUITOS DE FESTAS E OUTRAS PECULIARIDADES EM SANTARÉM NO PRESENTE.

Figura 2 - Cartaz da festa. figurante: Hian Okada.



Fonte: arquivo pessoal (2016).

Santarém é o terceiro município mais populoso do estado do Pará e conta com uma população estimada em 302,667 habitantes. Localiza-se na confluência de dois grandes rios, o Tapajós e Amazonas, sendo ainda considerado centro urbano, financeiro e comercial da mesorregião do oeste do Pará⁵. Cheguei nesta cidade ainda pequeno, no ano de 2000, e resido aqui até hoje. Como descrito anteriormente, minha atenção sobre a noite santarena era constantemente estimulada por conta de vivências que tive quando trabalhava como garçom e posteriormente, quando me tornei fotógrafo e passei a registrar alguns espaços de sociabilidade que frequentava.

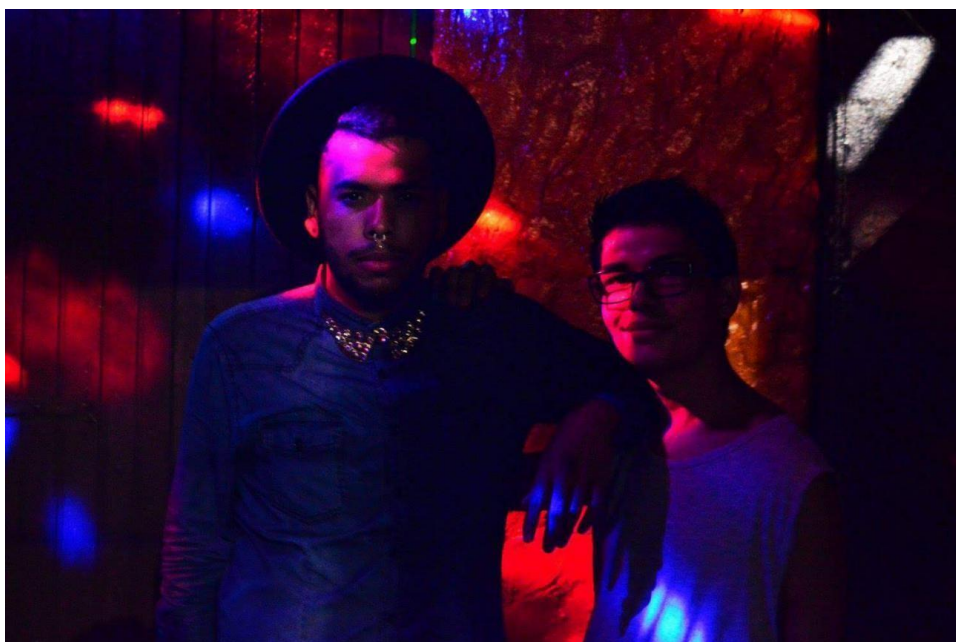
Vasculhando meus arquivos fotográficos, percebi que a primeira festa voltada para o público LGBTQI+ que eu frequentei, curiosamente, foi uma iniciativa minha e de alguns colegas de graduação. A festa aconteceu em um bar no centro da cidade, em agosto de 2016. A rede que fazíamos parte compreendia conhecidos da universidade. fizemos o anúncio nas redes sociais, com produção de cartazes como exemplificada pela imagem, e até mesmo um

⁵ Área territorial brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

teaser. No meu entendimento, foi a primeira festa direcionada para o público LGBTQI+ que consegui fotografar.

Minha técnica não era tão apurada. Tive algumas dificuldades na fotografia que foi superada na insistência de registrar a noite da forma mais perceptível o possível. Queria mostrar um lado de Santarém que muita gente queria apagar. Estava em busca de um assunto para concentrar minhas abstrações. Foi aí que eu fotografei uma *Drag Queen* pela primeira vez. Fiquei impressionado. Não era a primeira vez que eu tinha avistado uma *Drag Queen*, é claro, mas foi a primeira vez que eu tinha observado e fotografado em um circuito de festa cuja organização e iniciativa era de jovens da universidade. Posterior a esse evento, comecei a me concentrar na ocorrência da presença de pessoas que destoavam de uma heteronormatividade branca. Eu já frequentava algumas festas universitárias, aí passei a procurá-las nas ruas, nas festas abertas como carnaval, ou festas populares.

Figura 3 - Closenakatu



Fonte: arquivo pessoal (2016).

Figura 4 - Luana Bratcho. Festa no botequim Pulga



Fonte: arquivo pessoal (2017).

Figura 5 - Joelma Show, Performer. Pagode da



Fonte: arquivo pessoal (2017).

Em Santarém existe uma diversidade de espaços de sociabilidade para todos os gostos. Desde festas de forró e sertanejo, a carimbó de rua, pagodes, música eletrônica, etc. Não planejava os circuitos que eu pretendia ir quando saía a noite com meus amigos. Geralmente, nos encontrávamos em um bar próximo a universidade e de lá planejávamos o roteiro da noite. Isso não nos livrava dos perigosos imponderáveis que a noite santarena nos servia. Por algumas vezes me vi no meio de conflitos violentos entre os consumidores das festas.

Figura 6 - Ano novo em Alter do Chão



Fonte: arquivo pessoal (2017).

Figura 7 - Conflito no Point do Flashback



Fonte: arquivo pessoal (2016).

Figura 8 - Azé Maria e Gabriel Sanches. Carnaval em Alter do Chão



Fonte: Fonte: arquivo pessoal (2016).

Por conta desse fato, e de alguns pontos pessoais, fui lentamente migrando de festas mais populares, como o point do flashback, para festas organizadas por estudantes da universidade. Passei um tempo dedicando foco para este tipo de circuito. Não faz muito tempo que a universidade ainda permitia esse tipo de evento em seu espaço físico. Entretanto, por conta do grande fluxo de pessoas e da repercussão negativa na mídia local, estes espaços foram suprimidos. A última festa que tive oportunidade de fotografar na UFOPA, foi a sexta da maldade, organizada pela turma do curso de Direito.

Figura 9 - Festa da maldade



Fonte: Arquivo pessoal (2017).

Cabe aqui ressaltar que, minha entrada no “campo”⁶ foi algo gradual. A entrada pode ser figurada pelo ensaio fotográfico que eu produzi chamado “AS Chateadas”: Como pensar na resignificação de locais de sociabilidade em Santarém-PA⁷. Cujo o objetivo era:

tentar entender e compreender como gays, travestis e transexuais, especificamente mulheres “trans”, vivenciam suas experiências em um contexto interiorano e amazônico; em Santarém-Pará (Gontijo & Erick 2015: 24-40). Assim, apresentaremos, neste ensaio, como as ausências dos espaços de sociabilidade para o público LGBTI: boates, bares, saunas, parques e etc são vivenciados em outros espaços não exclusivos.” (AMAZÔNICA: REVISTA DE ANTROPOLOGIA (ONLINE), v. 8, p. 578-608-608, 2016.)

⁶ O campo está entre aspas porque não considero que há uma separação consistente entre minhas vivências na noite e o início da pesquisa propriamente dita.

⁷ Ensaio de minha autoria com coautoria de Igor Erick e Raiana Ferrugem.

Esta foi a primeira vez que eu entrava em uma festa com um olhar focado nas relações sociais neste espaço de sociabilidade, no caso a festa da chateada. Este evento é organizado pelo grupo GHS (Grupo Homossexual de Santarém), cujo intuito era, além de arrecadar fundos para a sociedade civil organizada, promover a visibilidade LGBTQI em Santarém. Este grupo atua na cidade desde 2004 e organiza a parada do orgulho LGBTI desde 2008. Na ocasião, descobri que algumas travestis que eu tinha feito contato ainda no primeiro trabalho de antropologia, circulavam por tantos espaços do que eu poderia imaginar. Nem todas se conheciam, fiz alguns contatos, conversei com algumas pessoas e fotografei um grupo de dança composto só por *Drag Queens*. As *Butterfly*.

Figura 10 - apresentação do grupo Buterflays no celeiro



Fonte: Arquivo pessoal (2017).

Figura 11 - Luana Bratcho no celeiro em apresentação junto com o grupo as Butterflays.



Fonte: Arquivo pessoal (2017).

Como uma bomba, essa festa ficou por muito tempo na minha cabeça. Existiram outras, soube depois. Mas, o fato de eu não estar inteirado sobre esse circuito específico me deixou bem intrigado. Tempos depois, já em 2017, soube da primeira festa de uma produtora nova, a Obscena. Fruto da parceria entre Elen Veras, mulher cis, 22 anos, estudante de Pedagogia na UFOPA e Luiz Miguel, homem trans, 22 anos, estudante de antropologia na UFOPA, tiveram a ideia para produzir uma festa voltada para um público LGBTQI numa conversa de bar. A Obscena na verdade ainda não tinha esses status de produtora, como afirmaram Elen e Luiz na conversa. A motivação foi por conta da dificuldade financeira que os dois estavam passando, já que ambas são filh@s de mãe solteira, não recebiam auxílio estudantil regularmente pela UFOPA e de acordo com Luiz, não pretendiam ficar “dependendo de empresas”. A Obscena era somente uma de várias festas que a dupla pretendia realizar para outro fim específico, montar uma distribuidora de bebidas para se emancipar financeiramente de sua família.

Pedro: Quem inventou esse nome?

Luiz: foi a gente.

Pedro: Obscena...

Luiz: É, a gente pensava em fazer uma sequência de festas, não é uma produtora, uma sequência de festas com um nome assim “femininos” né? Que tinham esse cunho de... é... esse cunho político de enfrentamento. Obscena, ilícita... tu lembra outro nome? (olhando para a Elen)

Elen: tem mas nós não devemos citar... (risos)⁸

Figura 12 - Ellen Veras e Luiz Miguel. entrevista para esta pesquisa



Fonte: arquivo pessoal (2018).

Porém, como vamos ver adiante não foi isso que aconteceu. Ainda na conversa, relataram-me um pouco do contexto que eu não consegui acessar por motivos agora bem óbvios: sou homem cis/hétero/branco e apesar de ter um pouco de sensibilidade em ver e notar tais espaços, estes eram ainda engendrados somente para a rede da comunidade LGBTQI de Santarém.

Um pouco antes, era Will Jordão quem produzia algumas festas para um grupo específico da comunidade LGBTQI no botequim⁹ porém, de acordo com o relato, a Obscena seria responsável pela popularização dessas festas, que vão desde as músicas tocadas por *djs*

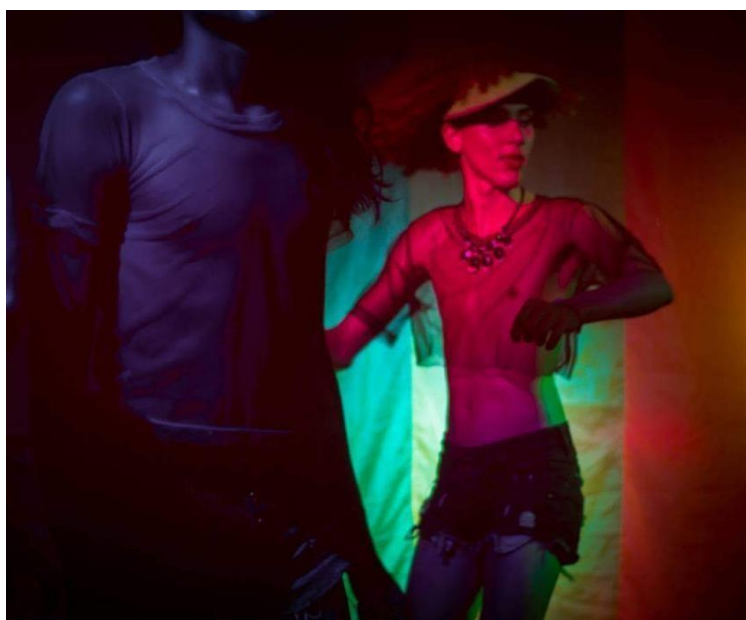
⁸ Trecho de entrevista realizada com Ellen Veras e Luiz Miguel na UFOPA em 11/04/2018.

⁹ Botequim é uma casa de shows que fica no centro da cidade. Sempre acolhe eventos relacionados aos circuitos de rock, pop, festas de turmas de universidade e festas da comunidade LGBTQI. Espaço modesto, com pouca iluminação. Entretanto, de fácil acesso.

amadores, apresentações de performances circenses de “*hippies*” a performances de *drag queens*.

Em dado momento da conversa, nossas memórias se entrelaçaram, e passei a me sentir dentro desse circuito de produção de imagens e corpos. Lembrei que tinha ido na primeira festa que elas produziram e que por acaso eu fotografei. A festa aconteceu em um restaurante chamado caiçara (não existe mais) em um bairro próximo a rodoviária de Santarém. não acompanhei a festa do começo ao fim, pois estava em outro local na noite. Cheguei na metade e me deparei com o espaço cheio de jovens, alguns conhecidos da minha rede de relações da universidade. No entanto muito mais desconhecidos, aparentemente de várias classes sociais.

Figura 13 - Maria Flor no palco do caiçara



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Conversando com Caetana Furler, alter ego de Josué do Carmo, 22 anos, homem gay, estudante de biologia da UFOPA, nascido e criado em Santarém, fala de Will Jordão. Foi muito atuante nesse cenário e ajudou a popularizar o evento. Foi ele que produziu a festa que eu fotografei pela primeira vez a Luana Bratcho. E ainda mais: Will foi responsável pela abertura do botequim a construções de espaços de sociabilidade para o público LGBTQI, como atesta caetana. Posteriormente, várias produtoras foram criadas, e um circuito de festas exclusivamente LGBTQI finalmente saiu do plano das ideias:

Caetana: É... eu comecei a frequentar as festas né só depois da maioridade. Como eu falei anteriormente eu vim de uma criação religiosa, extremamente religiosa. Então eu comecei a frequentar esses ambientes de festas a partir de minha maioridade. E,

primeiramente, comecei a frequentar festas de bares bem famosos aqui em Santarém, casa de show. E eu comecei a frequentar essas festas voltadas para o público LGBTQI ahnnn no iniciozinho de 2016. E logo no começo a gente tinha poucas produtoras né. A gente tinha a **antill**, que é uma produtora de um amigo meu, o Will Jordão, e logo em seguida surgiu a produtora **Obscena**, que é uma outra amiga minha, a nena veras (Elen Veras). A aí, geralmente ficavam se alternando né? Entre essas duas produtoras. Em seguida começaram a surgir outras produtoras aqui em Santarém. atualmente a gente tem a obscena, nós temos a **insana**, que é do Marlison, um amigo meu também. A gente tem a **Innovate**, que é de outro amigo meu, o Leo Linhares. E a gente tem outra que surgiu agora, que é **Espaço produtora**, que é de um amigo meu, Tiago. Então no momento temos essas produtoras em Santarém. realmente elas fazem, alternam-se as festas entre essas produtoras.¹⁰

Figura 14 - Performance de Caetana no fluminense, festa da Obscena



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

O ponto interessante deste circuito que está sendo desvendado por mim agora é a história que Will Jordão narrou pra mim numa conversa que tivemos. Ali, eu observei a importância da universidade pública na construção de discursos desses corpos que até então não tinham espaço e nem voz.

Will é um homem gay de 25 anos, natural da cidade de Óbidos e veio para Santarém cursar o ensino superior na UEPA, no curso de licenciatura em música em 2013. Começou a se envolver com a música na sua cidade de origem ainda muito cedo, com apenas 10 anos de idade “através de um projeto social. Isso tirou da minha cabeça aquele sonho branco e hétero e patriarcal de ser engenheiro. Fez com que eu me desconstruísse artisticamente, tivesse contato com a arte, deixei minha família toda em pânico. ‘Não! você queria ser

¹⁰ Entrevista realizada com Caetana Furler, no botequim em 23/04/2019.

engenheiro!”¹¹. Envolveu-se com a dança depois de um convite de uma amiga e passou a ter contato com várias esferas do lúdico a partir de então. Mas, só foi depois de conhecer o Laerte em 2013, que começou a se sentir mais seguro a ser como ele queria ser, a performatizar seu corpo como achava que deveria. Em 2016 entra em parceria com uma amiga (a qual não quis revelar o nome) e juntos, Will, o namorado e a amiga, abrem um negócio de *delivery* de sushi em uma casa alugada pelos três bem próximo a UFOPA.

Nesta época, acontecia constantemente festas na UFOPA. E isso chamou bastante a atenção de Will e seu grupo, pois as festas eram espaços inclusivos, não pagavam entrada e eram explicitamente políticos, cujo discursos que ecoavam eram justamente em favor da diversidade de ideias e corpos.

Figura 15 - Will no coqueiros, festa da produtora Rainbow



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Will: ao mesmo tempo que acontece esse movimento da gente abrir um negócio, do outro lado da rua acontecia o patifão da UFOPA.

Pedro: égua, boto fé! Eu lembro, já fiz muita festa lá.

Will: o **patifão** da UFOPA ele foi assim... é... a universidade ela é por si só um estado laico de direito e liberdade de expressão. Se ela não é, tá com um problema. Mas ela deve ser assim. E na UFOPA nós tínhamos o **patifão** que era uma festa extremamente diversa. Eu acho que **a festa da diversidade** eu acho que vai se tornar um dos grandes patrimônios que Santarém teve.

Pedro: porra eu lembro, foi o pessoal do juntos que criou cara. E tipo é nessa época a gente tinha meio que uma rixa por que era... no movimento estudantil tinha uma

¹¹ Trecho da entrevista com Will Jordão, realizada por vídeo conferência em 04/09/2019

rixazinha veladinha, que era o nosso grupo e o grupo do juntos né? A gente ficava, passou um tempo competindo fazendo festa aí, por exemplo, o pessoal do cravos da libertinagem faziam festa lá né? Aí logo depois o juntos fazia. Aí eles fizeram essa da festa da diversidade que lotou pra caralho e varou até nos jk, lembra que o jk começou a detonar, que era a Raimundinha que era reitora...

Will: foi horrível. Assim, é aquela coisa. Eles preferem, sempre vão preferir que a gente fique na sombra. Eu acho que qualquer espaço que dão pra gente, vão tentar ser calados. E a UFOPA ela começou em Santarém, através desse grupo que você falou, o juntos, eu nem sabia deles, um movimento de militância. O movimento de militância que a gente conhece hoje em Santarém ele parte a partir dessas festas que conseguiram reunir na UFOPA todos os grupos, e todos esses grupos perceberam que eles tinham algo em comum, que não eram minorias diferentes, eram a mesma minoria. Era a mesma questão de segregação, então você via gente indo beber, indo fumar, indo se divertir. E sabiam que era um lugar seguro, estavam com seus amigos de curso, aí o mais engraçado

Pedro: não pagava entrada...

Will: não pagava entrada... aí o mais engraçado e interessante é que as universidades particulares participavam em peso. A universidade particular em Santarém apesar de ter um cunho extremamente elitista mas ela não tampa todas as lacunas que um estudante procura que é a questão de se encontrar como ele é. Porque a gente vive muito nessa questão do, da sociedade patriarcal onde se você estuda num lugar particular você deve se comportar de certa forma. E eu achava sensacional como eles viam a UFOPA como um lugar que eles eram bem-vindos nesse momento. Dessa festa. Por que não passava no vestibular né? Ai tem toda aquela rixa que quem não passa numa universidade federal tem recalque. Aí eles engoliam isso e iam pra lá. Por quê? Por que são aceitos né? Quem não quer ser aceito? E tava todo mundo aí, eu era da UEPA, é uma universidade pública também.¹²

Esse evento protagonizado pelo coletivo juntos na universidade foi o ápice de espaços de sociabilidade LGBTQI+. O panorama político já estava muito instável, o começo do golpe de Estado contra a então presidente Dilma Rousseff já estava sendo articulado e os efeitos da onda conservadora que assola o país hoje, afetou a relação institucional da administração superior com os coletivos que organizavam esses espaços de sociabilidade na universidade.

¹² entrevista com Will Jordão, realizada por vídeo conferência em 04/09/2019.

Figura 16 - flyer de divulgação festa da diversidade



Fonte: Coletivo Juntos (2016).

Figura 17 - festa da diversidade



Fonte: Israel Campos (2016).

Foi um conjunto de fatos que fez com que a administração superior da UFOPA suprimisse esses espaços de sociabilidade que abraçavam a diversidade por completo. A mídia local abraçou o discurso moralista protagonizado pelo JK, blogueiro que na época representava a parcela conservadora da cidade, sendo porta voz dos interesses da casta empresarial e política da região. Isto é, percebo que a universidade contribuiu de forma a pulverizar entre os coletivos os discursos de lutas sociais. Pautas como do movimento

feminista, movimento negro, LGBTQI e movimento indígena passaram a ser parte do cotidiano dos jovens de diversas cidades da região, potencializados pelas redes sociais. Percebi que as pautas do público LGBTQI eclodem na cidade em forma de festas. Festas politizadas.

Contudo, apesar da interrupção forçada do patifão, não parou por aí:

Will: foi em maio de 2016, aí nisso a UFOPA acontecia do outro lado da rua e nós viamos que os gays iam, as lésbicas iam, as pessoas se maquiavam, faziam qualquer coisa no rosto e iam. Colocavam aquela roupa mais diferente e iam, sabiam que não ia ser julgadas. E um belo dia, a gente indo pra lá, é... a gente viu todo mundo voltando. Pararam a festa. Aí a gente ‘o que foi que aconteceu? o que foi que aconteceu?’ ‘não, apareceu lá a polícia e mandou parar, e lalala lalala.’ Não sei exatamente qual foi a razão mas foi isso, foi assim. Parem! Né? Já estão ganhando espaço demais. Aí a gente viu que o pessoal começou a caminhar, isso é marechal rondon, todos começaram a caminhar pra Cuiabá pra uma casa que tinha lá. Aí essa casa, todo mundo resolveu fazer improvisado lá, tava todo mundo lá, era um quintal assim, areia no chão. E colocou a caixa de som, o dj pendrive lá no notebook, e pronto, todo mundo ali! A gente percebeu que as pessoas não queriam estar na universidade pra curtir, as pessoas queriam estar. Eu acho que essa questão de ter um lugar onde você pode ter, um lugar onde você é o que você quiser, ter um lugar que você é livre sabe? Que você é seguro também. E nós falamos assim: ‘nós temos esse espaço!’ Porque na nossa casa tinha um espaço gigante que nós não usávamos, e a gente podia fazer festa ali. Porque a gente tava pagando aluguel e tudo mais. Nós tínhamos avisado o dono que nós queríamos fazer um restaurante, um bar, algo assim e tínhamos autorização. Começamos a fazer. Pronto! A nossa primeira festa foi o bregaço, o nome do espaço era balaio, e eu não sei se foi o bregaço ou foi o...¹³

Will, seu namorado e sua amiga aproveitaram o espaço que tinha na sua casa para fazer as festas. Foi nesse espaço de sociabilidade explicitamente para o público LGBTQI que foi criada a primeira produtora com eventos voltadas pra esse público, o balaio. Nesta casa, a qual eu cheguei a frequentar uma vez, permitia pouca gente. Mas, era muito comentada, justamente por criar um espaço para um público que não existia mais. Pelo menos fora da UFOPA. Will comenta a rede de pessoas que ajudou a popularizar esse tipo de evento:

A gente falou assim, “olha, a gente cobra um valor simbólico de 2 reais por entrada porque nosso espaço é pequeno, não tem como. Põem música, contrata luz, bar” e a gente fez assim da nossa cabeça. Quando a gente deu por nós assim, 11 horas da noite, já estava extremamente lotado, as pessoas foram e compraram a ideia, e assim, eu era muito conhecido pela, no mundo da dança né? Dos grupos de teatro, nessa época existia em Santarém vários grupos de teatro pequenos de escola, que tavam buscando fazer arte do próprio bolso né? Como é no Brasil ainda. E eles compraram a ideia e foram, os amigos foram, as pessoas que foram pro patifão foram, por queira um quarteirão depois, a gente tinha o mesmo lugar com o mesmo intuito. Um pouco mais fechadinho porem um pouco mais seguro, fomos atrás de autorização e tudo, e começamos as festas gays. aí a nossas festas já tinham uma nomenclatura GLBT, esclarecida. LGBT, que gafe! Aí começamos a fazer esse movimento, começou a dar certo mas era aquilo né? A gente fazia pra ter, a gente não fazia pra ter lucro. Aí sempre que você vai tirando alguma coisa do seu bolso, uma hora acabaseu bolso né? Infelizmente nós tivemos um problema no nosso negócio lá entre nós três, não estava dando certo. E nós decidimos por parar, “ olha vamo parar, vamo entregar, fechar a casa”, fechamos a casa. Mas a demanda continuou. A demanda

²⁸ Trecho da entrevista com Will Jordão, realizada por vídeo conferência em 04/09/2019.

pela festa continuou. Por que as pessoas perguntavam, “mas eae quando vai ter mais?” nós fizemos o baile de favela, bregaço e o... só sei que foram três festas. Aí a demanda tava grande, aí nós fomos atrás de parceiros.¹⁴

Figura 18 - Flyer de divulgação. fonte: *facebook*



Fonte: arquivo pessoal (2016).

É nesse momento que, aparece a parceria com o dono do botequim, o Renan. Ele, percebendo a popularidade das festas que aconteciam no patifão e posteriormente no balaio, resolveu entrar em contato com o grupo do Will. De acordo com o relato, Renan contratara o Will e o Laerte como dj, apenas como eventos da festa. Não passou muito tempo para que Will percebesse que a popularidade estava crescendo tanto que outras produtoras estavam surgindo, como a obscena. Will abre caminho para que outros jovens produzissem festas direcionadas para o Público LGBTQI. Foi aí que ele cria a sua própria produtora, a Antill.

Como vimos antes, é nessas condições que se populariza as festas LGBTQI em Santarém. já fotografei algumas, mas foi em 2019 que eu resolvi iniciar essa pesquisa para tentar mapear esses circuitos e as produções performáticas das drag queens mais de perto. aconteceu que eu entrei em contato com as produtores da Obscena e negocieei a cobertura dos eventos deles. Assim eu matava de uma só vez dois problemas: a inda ao “campo” onde

²⁹ Trecho da entrevista com Will Jordão, realizada por vídeo conferência em 04/09/2019.

acontecia essas performances, já que estamos em tempos de crise econômica profunda e eu não tinha financiamento na época pra me deslocar todos os fins de semana; e firmar contatos com as *drag queens* que frequentavam esses espaços. Entrei em contato com a Elen Veras por meio de rede social. Expliquei o projeto que tinha em mente e negociamos um valor.

A primeira festa que eu fui produzida pela Obscena, direcionada para esta pesquisa foi a fera ferida, segunda edição. A escolha por começar com essa produtora e não as outras se justifica pelo fato das produções e os circuitos de relações que esta produtora agencia diferencia em muito das outras. A Obscena não concentra seus eventos no botequim. Faz eventos itinerantes pela cidade, criando espaços de sociabilidade na periferia, que por sua vez, como consequência, consegue agregar um público mais heterogêneo. Outra característica desta produtora em questão, que vale a pena ser mencionada é que, além das performances *drag queens* que ocorrem, ela tem a capacidade de agregar outras performances que não se vê em outros espaços do mesmo tipo. Trabalhadores circenses nômades, comumente chamados de “hippies” tem seu espaço garantido no palco, cuja troca entre estas performances é facilitada pela cortesia que os produtores dão em forma de bebidas.

Figura 19 - Malabares viajeros. festa fera ferida, produtora Obscena.



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 20 - Malabares viajeros, festa fera ferida, produtora Obscena



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Figura 21 - fachada do fluminense, festa fera ferida, produtora Obscena



Fonte: arquivo pessoal (2019).

A festa em questão foi produzida numa casa de show antiga, uma sede de um time de futebol da cidade, o fluminense. O local é composto por um galpão de dois andares, com uma extensa área livre fora e é lembrado por sempre agregar festas de bolero, valsas antigas, ou seja, um espaço frequentado por um público hegemonicamente hétero, de meia idade, de classes mais baixas da cidade, que tem raízes no interior. A estrutura montada para o evento da fera ferida era composta por 11 colaboradores diretos (seguranças, atendimento de bar, caixa, ajudante de bar etc.) e alguns indiretos (divulgadores da festa em questão nas redes sociais ganhavam cortesia e alguma consumação).

Aqui vai minha primeira impressão sobre esse evento, a fera ferida, anotado no caderno de campo:

“Quando cheguei para fotografar, passei pela entrada e tive que dar meu nome. Havia vários grupos na entrada conversando. Me chamou muito a atenção, a aparência jovial dos frequentadores desse evento. Nenhuma parecia ter mais de 25 anos. A maioria estava portando adornos de qualquer tipo, tiaras com orelhas de gato, maquiagens extravagantes, roupas bastante coloridas... a proposta da festa era de promover um evento análogo ao carnaval. Por isso a maioria estava fantasiada. Entrei e perguntei pela Elen Veras, a promotora do evento. Disse para ela que ia produzir fotografias e filmagens do evento, ela confirmou com a cabeça e saiu. Depois disso, passei a mapear o lugar. Havia o salão onde nas extremidades foram posicionados alguns conjuntos de mesas e cadeiras. Estava mal iluminado, o que me fez quebrar um pouco a cabeça configurando o flash. Fora do salão principal, a esquerda, fica a área livre, onde uma mangueira enorme solitária divide espaço como concreto armado por todo o piso. Notei mais um palco, entretanto este não seria utilizado. Percorri alguns metros no sentido da saída e cheguei no primeiro bar. Havia alguns jovens produzindo batidas feitas de vodca, leite condensado e suco em pó. Um pouco mais a frente, uma escada de madeira leva pro segundo andar, pra área vip. Já era 00hrs e de lá dava para ter um panorama amplo tanto do lado de fora quanto de dentro. Apesar de tarde, não tinha ninguém naquela hora. O dj se chamava Samu Conceito. Reproduzia com bastante energia músicas de artistas lgbt. Ele estava com uma maquiagem bem extravagante, usava um colete de pelúcia preto que combinava com sua calça colada que imitava couro. Notei que ele pulava bastante durante sua apresentação. Em determinada hora as pessoas começaram a se aglutinar na frente do palco. A casa ia enchendo e o calor aumentava exponencialmente, apesar dos ventiladores de teto. Neste momento eu não estava ligado nas observações. Estava imerso no ofício de fotógrafo e passei a andar no meio da multidão alvoroçada pela dança e pelo álcool, fotografando. Notei que algumas pessoas fugiam dos meus clicks. No começo tinham vergonha, mas passado alguns minutos, pediam para ser fotografadas. Fotografar com flash gera um certo desconforto. Não gosto de poses, prefiro pegar flagrantes. Como o ambiente está muito escuro, sendo iluminado apenas pelos canhões de led posicionados nas extremidades do palco, fui obrigado a usar esse recurso. Algumas drags faziam poses para serem registradas. Rebolavam a cada batida de funk, escolhiam algum parceiro para simular um flerte. Perucas bem presas e minuciosamente escovadas, flutuavam a cada batida de cabeça. A maquiagem era composta pela excentricidade dos lábios desenhados em vermelho, com cargas bem-dispostas dos cílios pretos enormes. A fantasia era de mulher, só que de uma mulher com maquiagem carregada e adornos que sugeriam um encanto para com os parceiros. Alguns notaram minha presença e vinham perguntar com entusiasmo se eu era hétero ou não. Sempre respondia de forma tranquila: não sou gay. Retrucavam sua pena e completavam dizendo que eu era muito gato pra ficar solteiro nessa festa, Que queriam me pegar. Isso não era exclusividade das gays. duas mulheres vieram flertar diretamente, fugi pela tangente dizendo que eu estava trabalhando. Isso me chamou

a atenção para o fato de que, apesar do espaço ser configurado para um público LGBTQI+, não era exclusividade destes grupos os afetos. Todo mundo se misturava ali. Vi homens, mulheres, gays, travas, enfim, todo o tipo de gente experimentando as possibilidades que outro espaço talvez não suportaria. Essa incursão finalizou com o estabelecimento de alguns contatos e a promessa de uma futura conversa para este trabalho. Saí satisfeito.”¹⁵

Figura 22 - Performer e Dj Samu conceito. festa fera ferida, Produtora



Fonte: arquivo pessoal (2019).

É aparente também a divisão por classe social entre essas produtoras. Em outra festa que eu tive a oportunidade de fotografar, produzida pela produtora Insana, realizada no botequim, no dia 18 de maio de 2019, contou com a atração principal, a drag queen Danny Bond, de Marceió-Alagoas. Neste espaço, um pouco menos inclusivo que os outros, deparei-me com outro tipo de público: a maioria parecia ser de uma classe social mais alta e branca.

A festa ainda contava com restrições de acesso e era dividida em dois espaços: a área comum e a área vip. O que influenciava em quase nada, a meu ver, pois o espaço do botequim não é tão grande. A cerca apenas delimitava uma área pequena em frente ao palco e sua entrada era controlada por um segurança. Era um ambiente diferente até no comportamento das pessoas que frequentaram a festa. Diferente das outras festas, onde as pessoas quando me viam com a câmera na mão já me puxavam para tirar fotos, lá as pessoas preferiam a discrição e por muitas vezes pediam para apagar alguma ou outra foto que tirava. Além disto, o valor

¹⁵ Trecho retirado do caderno de campo, realizado em 17 de maio de 2019.

cochado na entrada, por ser uma atração de fora, tornava-o mais caro, impedindo que alguns consumidores habituais desse circuito não pudessem entrar.

Figura 23 - Danny Bond, festa da Produtora insana no botequim



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 24 - Danny Bond, festa da Produtora insana no botequim



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 25 - Plano geral, festa da Produtora insana no botequim



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 26 -Plano médio, festa da Produtora insana no botequim



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Ao todo, consegui fotografar cinco produtoras do circuito de festas: Obscena, Produtora Insana, Produtora Rainbow, Espaço produtora e *Infinitus Producer*. Cada qual ao seu modo, a estrutura de organização do dia do evento parece ser a mesma, ambos começam entre 22 e 23 horas, sempre fica alguém na portaria e na maioria das vezes a renda do bar não vai para as produtoras, ficando somente com a renda da portaria.

Em relação a inclusão, é necessário frisar, o circuito de festas LGBTQI+ vem com o propósito de incluir performances e experiências dissonantes na sociedade santarena. Porém isso não significa que espaços como a da produtora insana e de todas as outras não sejam atravessadas por uma lógica capitalista de consumo, onde o acesso é mediado pelo dinheiro. A Obscena nasceu de com a necessidade de complementar a renda dos produtorxs, estudantes, cuja renda é prejudicada por falta de políticas públicas de distribuição de renda efetiva no interior da Amazônia. A falta de emprego, no caso deles, de bolsa estudantil, de ajuda familiar (não intencional, já que alguns são filhos de mãe solo) contribuíram para que essa seja uma saída viável.

As festas LGBTQI+ negociam imagens, afetos, vivências e problemas que são suprimidas em espaços que imperam a lógica heteronormativa. Mas não significa que não existam essas performances e vivências nessas. É aí que tá o pulo do gato: com o crescente acesso a informação proporcionada por diversos fatores (globalização, internet, o crescente acesso ao ensino superior), esses espaços estão sendo questionados, produzidos e se desvinculando dos espaços tradicionais de consumo de festas. No tempo da Caluxa Tsunami, como vamos ver no próximo capítulo, os espaços de sociabilidade eram negociados de outra forma. Muitas das vezes escondidos por veredas invisíveis a parte da população heteronormativa, essas performances foram possibilitadas por infundáveis negociações do que é certo e errado, do permissivo ao não-permissivo.

Neste capítulo vimos como o circuito de festas LGBTQI+ foi conquistando espaço na cidade de Santarém. Desde a o circuito formado por festas na UFOPA a transposição deste em casa de shows hegemonicamente héteros. No próximo capítulo, vamos nos debruçar nas trajetórias de três Drag Queens importantes: A Carluxa Tsunami, a gay *barroca* que provavelmente foi a primeira Drag Queen da cidade de Santarém. E duas *Drags* de um tempo contemporâneo ao meu, Gabriele Sabatine e Luana Bratcho, cuja performances dizem muito do nosso tempo presente.

3 VIVÊNCIAS (QUASE) CLANDESTINAS: TRAJETÓRIA E PERFORMANCE DE CARLUXA TSUNAMI, LUANA BRATCHO E GABRIELE SABATINE

Figura 27 - Dj e Performer Samu Conceito



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Como vimos, o circuito de festas LGBTQI+ atualmente foi construído pela juventude Santarena, ávida em busca de um espaço de sociabilidade, que permitisse a vivência de performances e performatividades de gênero.

Ao pensarmos sobre os circuitos de festas LGBTQI+ em Santarém na virada do século, mais especificamente nas décadas de 90 e 00, podemos notar um contraste marcante. Para as Drag Queens poderem se apresentar hoje, algo aconteceu nessa virada. É essa ligação que pretendemos evidenciar também neste capítulo: as referências para a construção dos personagens. Afinal, quais condições moldaram a possibilidade de criação dessas personagens e quais são os elementos que elas dispuseram para criar essas performances?

Vamos conversar com Carlinhos produções para entender um pouco desse contexto. É a partir de suas memórias, que vamos extrair elementos para responder as perguntas feitas neste capítulo. Contudo, devo antes alertar o leitor como se dará essa dinâmica textual. O trabalho pretendo dá o máximo de espaço possível para a voz do Carlinhos, Luan e Gabriel no texto. Isso significa que, a minha voz nessa conversa estará

relegada a comentários sobre a vivência narrada. Como vou falar sobre passado, vida, eu bem que poderia me utilizar da memória social como teoria e método. A memória como um conhecimento atual do passado que é ao mesmo tempo, um saber e uma lembrança (Halbwachs, 1990)¹⁶. Contudo novas leituras apontam que a memória é uma reconstrução da consciência do passado. Assim, para sair desse impasse sobre se são reais ou não e para que o trabalho privilegie mais uma visão antropológica, ao invés de me centrar na categoria memória vou me ater ao termo “escrevivência”, que dará espaço voz maior aos interlocutores. Como diz Conceição Evaristo sobre essa questão:

Então, as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência.¹⁷

Mais que narrar uma história, Carlinhos, Luan e Gabriel nos dá licença para adentrarum mundo novo.

Carluxa Tsunami

Figura 28 - Carluxa Tsunami



¹⁶ HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: *La mémoire collective*.

¹⁷ EVARISTO, Conceição (2011). *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala.

Fonte: Arquivo pessoal de Carlinhos.

Carlinhos produções é um homem gay, branco, de 54 anos. Nasceu em Santarém e com pouco mais de 17 anos – assim como a maioria das pessoas pobres de Santarém que querem continuar com os estudos – mudou para Manaus para estudar e morar em um seminário católico (Missionários da consolata congregação) onde passa mais ou menos 8 anos de sua vida. Eu conheci Carlinhos ainda muito jovem. Minha tia tinha o costume de me levar para cortar o cabelo no seu salão (daí o nome Carlinhos produções), onde eu sempre me acabava de rir com seu jeito despojado e alegre. Não sabia que ele era *drag queen* na época. Porém, ele já era muito conhecido na cidade por esse detalhe. Conversei com Carlinhos no final de abril de 2019, idoso, se recuperando de um derrame que acabara de ter. Esse foi o motivo pelo qual ele fechou o salão. Não podia mais trabalhar.

Carluxa Tsunami foi uma das primeiras *drag queens* de Santarém. O auge de suas apresentações pela noite santarena foi na década de 90 e 00. Carlinhos foi responsável pela criação das primeiras festas voltadas para o público gay. Rodeada de luxo e pompa, organizava desfiles de gala no hotel mais badalado da cidade, o Tropical hotel, assim como em outros espaços de sociabilidade heteronormativos.

Figura 29 - Carluxa Tsunami



Fonte: Arquivo pessoal de Carlinhos.

Carlinhos: é, 90 eu retornei pra Santarém, não, ao não-sacerdócio, né? Porque a gente descobre depois, vê que é outras coisas, a gente vai descobrindo que o mundo é grande, muita coisa né? Aquela ganância, aquele egoísmo, capitalismo, aí tudo isso né? (risos) e a gente vai em busca de sobreviver pra conhecer né? E eu cheguei aqui em 1990. Foi quando eu me assumi, é... homossexual. [...]

Não. Na minha infância eu não me lembro. Nunca passei, nunca tive, nunca fui assim molestado. Não nunca. Eu... eu acho que eu sempre fui curioso né? Pra, mais como curiosidade de meu lado, descobrir meu lado masculino, feminino. Que eu, eu achei muito bonito um rapaz né que, porque Carlinhos produções na verdade, quando eu cheguei em Santarém eu montei uma agência de modelos e manequins. E eu praticamente eduquei, formei esses jovens rapazes. Eu tinha 8 rapazes bonitos, lindos, que eu catei a mão na babilônia, nas festas por onde eu ia. [...]

Era uma danceteria do Marcos, é... popular né? Uma danceteria popular. E eu caçava, procurava assim, talentos né? E procurei 12 moças e formei esse pessoal para trabalhar comigo. Eu montei a agência de modelos e manequins. E eu formei esse pessoal. Aí ainda fiz muito evento na babilônia, no iate, na signus, festas assim, concursos, garota verão 94, é... rainha das piscinas, eu fiz muito, esses concursos tudo, era eu era procurado como coreógrafo, e trabalhei muito em Santarém. e trabalhei muitos anos também no iate fazendo os bailes das debutantes, do, do... trabalhei uma época no iate, no... tropical hotel, que era antigamente tropical hotel [...]

Atlético cearense, no centro recreativo, eu fui muito procurado por coreógrafo. Mas aí isso não bastou, eu queria montar um salão. E pegou o salão Carlinhos Produções, pegou salão de beleza. E dei um tempo. Foi nessa época que eu fui muito procurado pra fazer eventos, e eu disse “por que não fazer shows? Por que não fazer uma performance?” e eu aí me dediquei a fazer performance como drag né? E... antes disso, eu assumi meu lado gay, tive três maridos (risos) tive três maridos. E por sinal foi uma época muito boa, muito legal, eu fui muito assumido com meus parceiros, eles não. Mas eu fui. E... era feliz. Eu me sentia muito feliz. E depois eu, muito trabalho né? Muito solicitado... eu fui fazer a performance... porque eu ganhava dinheiro também com as minhas performances. Em faculdades, em aniversários de 15 anos, em aniversários de 24/25 anos, bordas de prata né? Bordas de ouro, e 60 anos, 50 anos, eu era convidada para animar festas. Despedida de solteiros, solteiras. Eu fiz muito isso também como a carluxa tsunami que é meu personagem drag. E aí eu fiz o maior sucesso, graças a isso foi bom. Trabalhei na televisão, carlinhos produções trabalhou como o programa no sbt, que era portal livre, lá do onei, trabalhei. Depois fui chamado para tv guarani, pelo lado do Nilson pereira que já é falecido né? Trabalhei no programa guarani folia, na época do carnaval. Eu fazia uma performance Carlinhos produções, mas um pouco... não muito drag né? E depois já foi mais drag assumido assim, fazendo show escândalo, escândalo de escandalosa, foi no sbt folia. Que foi o ponta negra folia. Desculpem. E foi um sucesso tremendo. Foi dois meses de carnaval assim todo final de semana, sexta e sábado, eu era convidado, eu saía pra entrevista nos carnavais, aonde tinha evento eu estava lá fazendo entrevista, filmando e fazendo minha performance e fazendo graça né? Entrevistas e tudo. E foi um ano muito bom esse tempo, esse ano, eu fiz o ponta negra na folia. [...]

Eu acho que 2012...¹⁸

¹⁸ Trecho de entrevista com Carlinhos. Santarém, 03/05/2019.

Figura 30 - Carluxa Tsunami.



Fonte: Arquivo pessoal de Carlinhos.

Essa parte do seu relato diz muita coisa sobre a agência que Carlinhos tinha na época. A sua vivência em Manaus possibilitou o acúmulo de *capital cultural* suficiente para mobilizar uma rede de contatos que abria caminho para as performances que eram invisibilizadas pela heteronormatividade. Tanto é que por duas vezes ele protagonizou programas televisivos, festas de gala, desfiles e participações em eventos como despedidas de solteiro, 15 anos, bodas de todos os tipos. Os aspectos políticos estavam nas entrelinhas. Escondidos no abrir e fechar do seu leque gigante. As pessoas que o contratava não esperavam uma performance grotesca, apesar de eu supor que eles os viam assim; Luiz Miguel e Elen Veras me sinalizaram esta questão mostrando-me uma metáfora interessante: havia o lado de *bobo da corte* dessa abertura. Como a rede que o Carlinhos mantinha havia atores da “alta sociedade” santarena, a sua apresentação era acionada para este fim. Apesar disso, Carlinhos relata não ter sofrido quaisquer preconceitos em suas performances:

Carlinhos: eu gosto, eu gosto sempre de provocar risos. Fazia a cômica pouco meio político né? Eu é, atos que até meio que me proibiam, “não, não vai fazer isso, não vai agredir muito.” Então eu sempre parava um pouco, ainda ficava um pouco apreensivo, mas o meu estilo era de provocar alguma reação também. [...]

Não! Que eu me lembre não. De sair quebrando cadeira, dando porrada isso não. Eu me lembro que o meu cara que me assumiu primeiro, em 93, ele, nós íamos para a Babilônia, que era uma boate popular, do Marcos Sousa, e ele entrava de mão dadas, botava a mão no meu ombro e íamos embora. Eu ficava um pouco retraído, com vergonha. Porque já tava muito famoso em Santarém né? Carlinhos produções olha! Todo mundo cortava! Era uma fofoca, mas eu nem ligava, eu me achava bonito! Eume achava um luxo! E o bofe lindo, bonito mesmo, que era meu modelo na época, e fizemos muito sucesso. Ele inclusive quando eu fazia os eventos, desfiles que eu era coreógrafo, muitas meninas, crianças pediam autógrafos dele. Por que ele era presença, um bofe muito bonito.¹⁹

É curioso observar como ele trata desse tema. Apesar de ter momentos em que sua criação era limitada por regras moralizantes, como revelou ainda a pouco, não perdia a oportunidade de contornar esse impedimento, pois proporcionou vários espaços ao longo de sua trajetória. Mesmo assim, isso não inibia que essas regras normativas moldassem seu olhar pra algumas situações. Sua explicação sobre o preconceito vivido ainda é ancorada no sentido da violência física como única violência que existe e não de outras sanções veladas como as simbólicas e estéticas. Vejamos o que ele diz quando conta sobre a relação com sua família:

Carlinhos: não foi fácil. Mas a mãe, pai já conhece, conhece cada um filho. Então quando eu assumi, eu cheguei com a mamãe e falei, eu já tava trabalhando sozinho, eu sempre trabalhei, sempre fui em busca dos meus ideais, dos meus sonhos, e abri o jogo, falei pra minha irmã, falei pro outro meu irmão que é falecido, que eu gostava de homem, que eu gostava de rapazes. E foi muito bom, ficaram um pouco assim mas depois aceitaram. Só pediram que eu não vestisse vestido, saia, e a mamãe pediu pra mim que eu não calçasse salto. Mas eu disse que eu quero fazer performance, performance de uma artista, de uma diva! [...]

É... e eu botei e a mamãe “bom, tudo bem. O negócio de ficar 24hrs vestido de mulher, isso não meu filho.” Então eu fiz o que ela pediu. Sempre fui Carlinhos, e quando eu precisava ganhar o meu dinheiro pra fazer show, performances, ou na faculdade, qualquer outro aniversário, qualquer clube, eu ia de Carluxa Tsunami.²⁰

A noite santarena reservava meios para que Carlinhos pudesse explorar seu “lado feminino”, de se tornar uma diva. A performance que ele passou a construir acionou lugares, pessoas, regras. conseguiu criar outros mundos.

²⁰19 Trecho de entrevista com Carlinhos, Santarém, 07/05/2019.

Figura 21 - Carluxa Tsunami.



Fonte: Arquivo pessoal de Carlinhos.

Carlinhos: quando queríamos uma festa, aí que começou a fazer assim a festa do cabide, na casa de alguém, na casa de um amigo vou articular, fazemos a festa do cabide. [...]

É! Todo mundo que chegava lá tinha que tirar a roupa! e ficava só de cueca ou de sunga ou nuzão mesmo! Era muito difícil ficar nuzão porque todo mundo se conhecia, então geralmente ficava só de cueca e de sunga, as moças de calcinha e sutian, e além disso tinha as lésbicas também né? Era ambos. Enfim, era gostoso. Ou então ficavam de bermuda e sem camisa, mas tinha que tirar uma roupa. Era a festa do cabide. Então a gente fazia assim. Mas era particular, só entrava quem tinha cabeça. Convidados que tinha personalidade! Cabeça pra aceitar e vivenciar a noite toda na bandalheira, na brincadeira né?²¹

Com criatividade elas burlam essas regras, e aos poucos o que antes era tabu, hoje é naturalizado, permitido.

²² Trecho de entrevista com Carlinhos. Santarém, 03/05/2019

Figura 22 - Carluxa Tsunami



Fonte: Arquivo pessoal de Carlinhos.

Carlinhos passou parte da vida aprendendo a performar dentro das regras da heteronormatividade. Com o passar dos anos, em Manaus, participando do teatro, experimentando outras performances, por meio da observação e da repetição, finalmente se assumiu. E não parou por aí. Esse comportamento restaurado de performatividade de gênero nutriu a criação da Carluxa Tsunami. Graças a rede que ele agenciou com seu empreendimento de beleza, sua agência de modelos e manequins e as referências que colhia na televisão.

Carlinhos: já! Já... já, pela televisão, acompanhava o programa do silvio santos, show de calouros, tinha o momento das drags e eu gostava. Eu dizia: “nossa! É isso que eu quero.” E engraçado é que eu sempre, desde muito tempo, eu sempre gostei da arte, da música. Eu já cantei na noite, eu já fui modelo manequim, eu homem né? E... fui modelo fotográfico na década de 80 a 82, 85, 83, 84 a 86. Tudo isso eu era modelo fotográfico, modelo manequim. E fiz teatro em Manaus, teatro dos artistas, tem um teatro em Manaus que eles tem muita é... como é que chama? Oficina então eu fiz uma oficina, e fiz umas peças infantis no teatro dos artistas em Manaus. E ai começou o meu desejo de me vestir de mulher, fazer graça, de fazer um personagem, e eu queria isso porque, além de eu gostar de um homem, de um parceiro igual a mim, eu disse: “não? Por que eu não posso botar esse lado mulher pra fora?” e eu fui muito feliz, eu me senti muito bem, fui muito respeitado. É aquela coisa como diz, eu assumi em 90, 91, 92, 93, meu lado gay, mas eu sempre fui respeitado, porque eu sempre respeitei o espaço um de outro. O meu espaço e o espaço dos outros. Então eu não vivia me pegando, me agarrando com outro por aí não. Tinha momento pra isso, e tem lugar pra isso.²²

²² Trecho de entrevista com Carlinhos. Santarém, 03/05/2019

Figura 23 - Carluxa Tsunami



Fonte: Arquivo pessoal de Carlinhos.

Já temos vários elementos responsáveis por alimentar a criação da Carluxa Tsunami em Santarém na década de 90/00. Agora vamos nos debruçar um pouco na conversa que eu tive com Luan Andrade e Gabriel Sanchez. Toda moralidade, regras e comportamentos estão dentro deste recorte e foram atualizados. Vamos trazer suas narrativas para esse trabalho para podemos ver então o contraste nos elementos aqui analisados.

Luana Bratcho e Gabriela Sabatine

Luan andrade, *Drag Queen*, 21 anos, natural de Santarém e Gabriel Sanches, *Drag Queen*, natural de Manaus, 20 anos, são colegas de trabalho e na ocasião conversamos em um dos pontos onde trabalhavam, um salão de beleza localizado em um dos cartões postais da cidade. Eles me contaram sobre sua trajetória, sobre o caminho usado na criação de suas personas *Drag Queen* aqui em Santarém. Depois mostraram-me alguns elementos do ponto de transformação em *drag*. Vou tratar as histórias deles como fiz com o Carlinhos, me esgueirando por alguns temas. Agora, vamos ao começo:

Figura 34 - no centro, Luana Bratcho. a direita, Gabriela Sabatine. Festa no botequim



Fonte: arquivo pessoal (2016).

Gabriel: eu me descobri gay, eu tinha... dez anos, eu acho que... com onze anos eu comecei a me transformar né? Que eu comecei a me transformar numa quadrilha humorística aqui da cidade de Santarém...

Bofes e babados... mas a quadrilha que eu gosto mesmo, que eu amo de coração é a virgens do beco.

Não eu comecei a me transvestir lá no bofes e babados...

ahh, assim né... eu não tive problemas com a minha mãe, com familiares lá né? Nadadisso, então, foi tudo mais fácil assim pra mim mim. Eu sempre gostei desse universo feminino né? De me transformar de menina e tudo mais... aí com o tempo que eu fui meio que me “qualificando”... ahh ser a... pessoa que eu sou hoje.

Eu tenho 19, mas comecei a me montar com onze

Luan: é, tá eu me lembrei, preciso recordar... comecei me vestir de mulher, eu tinha... 9 anos. Foi com uns amiguinhos da rua.

sempre gostei de menino, eu sempre gostei de menino mesmo, mas eu ficava com meninas. Mas ficava por medo da família.

sou. Por incrível que pareça. Só não tenho cara. (risos, cumprimenta o Gabriel com um toque de mão e diz: desculpe amigo eu sou muito podre). Mas eu sou, sou daqui de Santarém. é... deixa eu ver. Quando eu me assumi mesmo. Eu tinha 12 anos.

foi em... eu nem sei cara, eu acho que foi no ano

de...Gabriel: Não foi em 1994?

Luan: por aí, 1900 e la vai bolinhas.

não acho que, foi menos, eu não sei eu tinha 12 anos e hoje eu tenho 26! Meu deus do céu eu tô é velha! (risos)

ahh sim! Eu queria andar igual outra, eu tive outros amigos né? Na escola, que andava de menina. Eu também gostava dessa parte. Mas eu não podia ficar em casa, porque meu pai não aceitava. E aí eu resolvi me assumir, só que ele não aceitou. Fugi de casa...

cheguei e falei! Fiz a louca.

ahh eu não lembro muito bem. Lembro de poucas coisas. Eu só cheguei da rua a noite. E aí eles estavam jantando, aí eu falei que eu não gostava de menina, gostava de menino. E que eu tava vivendo em mundo que não era meu. E aí...

tinha 12 anos.

e aí que meu pai surtou. Falou que ia quebrar minha cara, que era pra eu ficar com mulher e não com homem, que eu era homem e não era mulher. Eu falei que não queria isso. E aí eu falei que ia pra casa da vóvó. Coloquei minhas roupas dentro de uma sacola eu fui. Fugi. Passei uma semana fora. Minha mãe foi atrás de mim. Minha mãe sempre me aceitou. E ae a gente voltou e eu fiquei sem falar com meu pai. Voltei a falar com ele quando eu inteei meus 20 anos. Aí tive que falar normal agora. Outro dia ele aceita.

por que ele viu que não dava em nada, eu vi da família dele né? Porque ele tem uma irmã que é lésbica. E ela é meio que trans assim. E acha que ela é um menino. É um homem num corpo de uma mulher. Aí teve que me aceitar.²³

Percebo que assim como aconteceu com Carlinhos, Luan e Gabriel tiveram dificuldades nesse processo de aceitação/transformação, mas não ficaram inertes. Luan é incisivo, teve que sair de casa para poder ser aceito dentro do círculo familiar. Essa ruptura não começa lá. Começa nas suas relações sociais fora desse círculo, com colegas de escola, os amigos e amigas da rua, no acesso à internet. As referências que eles absorveram os transformaram de tal forma que desde cedo eles dissolvem convenções estéticas héteronormativas e seguem criando outras performatividades de gênero.

Em “Problemas de Gênero: Feminismos e subversão de identidade”, Butler (2017) questiona os conceitos de sexo/gênero/desejo ao tratar indagações do feminismo sobre a sujeito e identidade. Foca nos processos que nos tornam sujeitos ao assumir identidades sexuadas/generificadas/racializadas que são ao mesmo tempo construídas para nós (e atualizadas por nós) nas estruturas de poder existentes. O sujeito que Butler traz ao debate não é o indivíduo, mas uma estrutura linguística, que atualiza o presente e os regimes de poder/discurso. Gabriel e Luan foram designados como corpos masculinos ao nascer e por consequência, obrigados a operar uma performance masculina quando crianças. Isso muda na adolescência quando elxs tomam consciência de seus corpos. Esses elementos, como

²³ Trecho de entrevista com Luan Andrade e Gabriel Sanches, Santarém, 22/05/2019.

podemos ver também no diálogo com Carlinhos, foram importantes na construção das personagens de Luan e Gabriel. E ainda tem mais:

Luan: aí a primeira vez que eu fiz uma performance, a primeira vez que eu fiz uma performance, eu tinha 17 anos. Foi a primeira vez que eu performei.

aqui na cidade eu não via. Eu sempre pesquisei, sempre fui na internet pelo facebook.

Orkut!

era um concurso de drags que tava tendo. Carimbó. Era uma disputa que tava tendo.

Gabriel: na verdade tem até hoje né?

Luan: não é tipo uma gincana

Gabriel: é tipo uma gincana que tem as quadrilhas, quadrilha, carimbó, isso por aí, sempre tem até hoje.

depois das quadras juninas.

é, tipo assim, tem uma seletiva, cada grupo escolhe uma drag, aí a drag vai tipo representar a eles entendeu? Aí tem que fazer alguma coisa, tem que dançar, fazer alguma coisa, alguma coisa assim. No caso dela (o luan) ela foi montada. Tu performo?

Luan: eu performei. Foi a primeira vez que eu performei. Performei de lady gaga. Lady palhaça. (Risos)²⁴

Figura 35 - Luan Andrade, apresentação do grupo de dança Bofes e babados em Santarém.



Fonte: Arquivo pessoal de Luan (2010). (2010).

Figura 36 - Gabriel Sanches



Fonte: Arquivo pessoal de Gabriel Sanches

²⁴ Trecho de entrevista com Luan Andrade e Gabriel Sanches, Santarém, 22/05/2019.

Figura 37 - Luan Andrade e Gabriel Sanches. apresentação do grupo as Virgens do Beco em Santarém.



Fonte: Arquivo pessoal do Luan (2016).

Gabriel: a primeira vez que eu me montei foi no grupo de dança que a gente tinha. Tipo antes era só na quadrilha que a gente se montava. Acho que a gente não deve chamar assim de performance.

Porque não era uma performance que a gente fazia.

não, era mais palhaçada mesmo. Da quadrilha aqui em Santarém é muito comum. Quadrilha vice-e-versa e tal.

sim. A primeira vez que eu me montei foi num grupo de dança que a gente tinha. Eu participava com ela (apontando pro luan) e mais duas amigas nossasque eram o grupo das buterflays. A gente saiu eu acho que a primeira vez foi em 2011?

Luan: foi, em 2011...

Gabriel: em 2011 que a gente dançou.

Luan: tu fotografou a gente?!

Gabriel: é mesmo tu fotografou a gente!

Harran a gente tava bem evoluída, a gente tinha o Samuel, a gente lançou o Maicon. Foi em 2011 que eu dancei a primeira vez, foi em 2011 mesmo.

Foi. A gente motou um grupo ai depois esse ano em diante que a gente começou a fazer festa entendeu? Ai eu acho que

Foi, porque eu parei de dançar em 2016 gente. E olha, foi 2011, 2012, 2013, 2014, foi que eu dancei 4 anos. Foi isso aí, em 2011 num grupo de dança babado. Foi, que foi realmente que eu me vesti de drag queen.²⁵

²⁵ Trecho de entrevista com Luan Andrade e Gabriel Sanches, Santarém, 22/05/2019.

Aqui temos um dado muito importante da experiência de Gabriel e Luan. Podemos perceber que a performance *Drag Queen* não foi algo dado. Não é simples. Foi seu treinamento nas quadrilhas, como diz Sherchner, um comportamento restaurado²⁶, a repetição, o contato com novas performances e performatividades de gênero permitiu que novos elementos fossem absorvidos para seu repertório discursivo e conseqüentemente, para a vida prática. As quadrilhas juninas – como o grupo de dança *As Virgens do Beco*, preferida de Luan e Gabriel – foram cruciais na construção do ser *Drag Queen* justamente por borrar convenções estéticas ao misturar no corpo de dançarixs *Drag Queens*, Travestis e Transexuais.

Carlinhos inaugurou uma cena com as festas gays com performances de *Drag Queens*. Apesar de ter diversos espaços de tempo de descontinuidade desses eventos, ou mesmo de tais espaços ora permanecerem abertos ora fechados apenas para membros do grupo, como as festas de cabide, coincide a ocorrência de performances deste tipo em outros espaços. Acho que encontramos o elo que faltava nessa continuidade. Tais performances e eventos nunca deixaram de existir. Foram suprimidos, mas por conta da engenhosidade, de novas performatividades de gênero que foram absorvidas, nunca deixaram de reivindicar espaços. E quando eram negados, não tinha escolha senão criá-los.]

Em 2019, eu recebi um convite de fotografar e produzir vídeos em contexto de pesquisa para discente de antropologia da UFOPA, Andreza Viana. Ela pesquisava justamente o grupo de dança *As Virgens do Beco*. Percebi então a importância de tais eventos na vivência da juventude santarena. Na ocasião, muitos símbolos eram negociados, performatividades de gênero atualizavam as permissividades dos espaços. Vi várias crianças se divertindo, dançando, questionando com fantasias essas regras moralizantes.

²⁶ SCHECHNER, Richard. 2006. “O que é performance?”, em *Performance studies: na introducción, second edition*. New York & London: Routledge, p. 28-51.

Figura 38 - jovens na concentração do 45º festival folclórico de Santarém



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 39 -Yasmim Krothy, Mulher trans. na ocasião estava representando a noiva naperformance do grupo As virgens do beco



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 40 -Apresentação do grupo As virgens do beco no 45º festival folclórico de Santarém



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Figura 42- Apresentação do grupo As virgens do beco no 45º festival folclórico de Santarém



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

g. foi. A gente montou um grupo ai depois esse ano em diante que a gente começou a fazer festa entendeu? Ai eu acho que

g. foi, pq eu parei de dançar em 2016 gente. E olha, foi 2011, 2012, 2013, 2014, foi que eu dancei 4 anos. Foi isso aí, em 2011 num grupo de dança babado. Foi, que foi realmente que eu me vesti de drag queen.

g. olha, era assim. A gente sempre se inspirava em um grupo de dança. Esse ano a gente tava inspirada acho que era no... nem lembro...

l. aquele ano a gente se inspirou na rouge,

g. foi...

l. que tinha

g. foi no rouge que a gente se inspirou... que tinha ragatanga, que eram um grupo de várias meninas e a gente se inspirou neles. Aí tinha a morena né, eu sempre era a morena de todas, cada uma tinha um estilo. Aí não saía aparecida, saia tipo assim, cada um no seu estilo mesmo pra dançar, mas a formação original desse grupo era eu, o luan, a jean, e a Bernadete. A dete mapô. Aí foi isto. Foi neste ano. A gente se inspirava muito no grupo rouge, ai no outro ano a gente se inspirou no (não entendi) antes dela se separarem a gente dançou a música dela ainda.²⁷

Figura 43- da esquerda para direita: Brendinha, Penélope Charmosa, Luana Bratcho, KarlaKaroline. IV mostra de dança organizada pelo ASD Company, na casa da cultura dia 28/12/2017.



Fonte: arquivo pessoal (2017).

As integrantes do grupo de Dança *drag queen*, *Buterflays*, originalmente tinha na composição a Gabriela Sabatine. Mas como ela confidenciou nesta conversa, saiu tempo depois, pois preferia apresentar as atrações nas festas que participava.

²⁷ Trecho de entrevista com Luan Andrade e Gabriel Sanches, Santarém, 22/05/2019.

As referências usadas na criação das personagens *Drag Queens* parecem não surgir só de elementos nacionais como o grupo Rouge. Luan e Gabriel confidenciaram-me duas formas de se aprender a ser Drag Queen. A primeira, é evidente, pelas suas relações sociais fora de casa, no compartilhamento de conhecimento sobre o assunto com colegas de escola, na tv e internet, como a Ru Paul. A segunda forma é pela rede que elas conseguiram acessar, com outras performers Santarenas. Há um momento em que uma iniciante tem que passar, de aprendizado. Então ela é adotada por outra Drag mais velha, que lhe instrui, ajuda a se *montar*, ensina as regras que guiam o grupo. Mostra uma forma diferente de performatizar o gênero que vai além do vocabulário héteronormativo que expressa em seu próprio vocabulário e vivência. afetando suas outras redes de relações, como relações de parentesco, de trabalho e de afetos.

g. sempre tem que ter uma mãe né? É a que te leva. A que te apresenta o mundo, tudo mais. Você sempre tem que ter aquela pessoa que vai te ajudar a montar a primeira vez né? Que é quando assim, tu vai te libertar né? E quando tu vai encontrar, é quem te batiza, te dá um nome, tem que te dar teu nome, é, te ensinar a te maquiar, a te ensinar a te produzir, fazer a roupa, te ensinar a te portar né? E principalmente, tem que aprender a andar de salto.²⁸

²⁸ Trecho de entrevista com Luan Andrade e Gabriel Sanches, Santarém, 22/05/2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi de desenhar o cenário de festas LGBTQI+ em dois momentos. Vimos no primeiro capítulo como se popularizou os circuitos de festas LGBTQI+ em Santarém no presente, onde parte deste processo aconteceu nas festas organizadas por acadêmicos da UFOPA e acabou sendo pulverizada na cidade, com várias produtoras disputando espaços heteronormativos, sendo agenciados para apresentações de performance Drag Queen, djs e outros tipos de atrações. Ellen veras, Luiz Miguel, Caetana Furler e Will Jordão, além de minhas fotografias, nos guiaram com o intuito de contextualizar o campo. Todas as organizações das festas, bem como as produtoras que agenciavam os espaços foram citados como o combustível, ou melhor, os meios para que as performances Drag Queens que já aconteciam na cidade (como vamos ver no cap. II), pudessem ter um novo folego e se desdobrar em novas redes de performances (vide os malabares).

No segundo capítulo, nos debruçamos nas trajetórias de Carlinhos, Luan e Gabriel, onde podemos perceber como essas relações eram construídas por dentro. Carlinhos revela que apesar de o cenário de festas diferir, outros espaços que eram construídos, como as festas do cabide, ainda acontecem. E são fundamentais para aceitação e afirmação do grupo. Já Luane Gabriel nos chamam a atenção como essas performances são atualizadas pelas performatividades de gênero desenvolvidas nas suas redes de relações. escola, amigos, grupo de dança, esses detalhes foram elencados como decisivos no nascimento de Luana Bratcho e Gabriela sabatine.

Apesar de ter mais de 4 anos coletando fotografias e circulando por estas redes em Santarém, foi um desafio articular um fio condutor entre essas trajetórias. O impasse se deu pela falta de referências que mostrassem como a realidade aqui na Amazônia opera. Optei por usar referenciais teóricos que se aproximassem, por isso a escolha de trabalhos que fossem produzidos por santarenos e paraenses. Apesar disso, ainda sim bebi, de alguma forma, de referenciais de estudos feministas. Afinal, estou falando de performances *Drag Queens*.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Carla Akotirene. -- São Paulo : Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALCÂNTARA, P. J. R.; SILVA, I. E. ; FERRUGEM, R. . As Chateadas: como pensar nas ressignificações dos locais de sociabilidade em Santarém, Pará. **Amazônica: Revista De Antropologia (Online)**, v. 8, p. 578-608-608, 2016.
- BEMERGUY , TELMA DE SOUSA. Antropologia em qual cidade? Ou porque a “Amazônia” não é lugar de “antropologia urbana”. **Ponto Urbe [Online]**, 24 | 2019, posto online no dia 26 junho2019, consultado o 26 abril 2021. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/6464>; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.6464>.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues. **Boletim do Museu Nacional: Antropologia**, n. 27, maio de 1978. P.1-12.
- DE TILIO, RAFAEL. Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. **Gênero (Niterói)**, v. 14, p. 125-148, 2014.
- ERICK, Igor. **As experiências da diversidade sexual e de gênero no contexto interiorano amazônico: as formas de sociabilidade homossexual em Santarém e Região (Pará)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia) - Universidade Federal do Oeste do Pará. 2018.
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala.2011.
- GONTIJO, F, ERICK, I. A Diversidade Sexual e de Gênero em Contextos Rurais e interioranos no Brasil: ausências, lacunas, silenciamentos e... exortações. **Aceno: Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, v. 2, n. 4, 2015, p. 24-40.
- HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: *La mémoire collective*.
- NOLETO, Rafael da Silva. **Brilham estrelas de São João: gênero, raça e sexualidade em performance nas festas juninas de Belém - PA**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/T.8.2017.tde-11042017-084512. 2016.

PINHEIRO, D. A. J. P. **Quando o banheiro é o armário**. Análise etnográfica das práticas de sociabilidade homoeróticas em Santarém. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia) - Universidade Federal do Oeste do Pará. 2014.

SCHECHNER, Richard. “O que é performance?”, em *Performance studies: na introduccion, second edition*. New York & London: Routledge, p. 28-51. 2006.

SOUZA, Izabele Jatene. (1998). **Tribos urbanas em belém: drag queens - rainhas ou dragões?** Tese de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Pará.